

**A CASA MATERNAL AMÉLIA LEITE (1947-1970) – UMA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA DE PROTEÇÃO À MATERNIDADE E A INFÂNCIA**

*Casa Maternal Amélia Leite (1947-1970) – the educational institution of the protection to maternity and the childhood*

Solyane Silveira Lima<sup>1</sup>

Miguel André Berger<sup>2</sup>

**RESUMO**

O presente texto tem por finalidade investigar a criação e consolidação da Sociedade Protetora da Casa Maternal Amélia Leite, no período que compreende a data de inauguração em 1947 até 1970, quando seu fundador, o médico Augusto César Leite, se afasta da direção. Formulada a partir dos preceitos higienistas, essa instituição filantrópica e educativa de atendimento às mães adolescentes solteiras e crianças, promovia assistência médico-social e educação moralizante com o intuito de diminuir o número de abortos, infanticídios e prostituição em Sergipe. Para melhor compreender a dinâmica, o funcionamento e a contribuição da Casa Maternal buscou-se subsídios teóricos-metodológicos na Nova História Cultural e nas contribuições de Michel Foucault, Norbert Elias e Pierre Bourdieu. O conhecimento dessa instituição como uma iniciativa educativa que se volta para as questões da criança carente, visa contribuir com os estudos sobre a História da Infância e da Educação.

**Palavras-chave:** Infância; Casa Maternal Amélia Leite; Higienismo; Educação; Augusto César Leite.

**ABSTRACT**

This text aims to investigate the creation and consolidation of Protection Society of “Casa Maternal Amélia Leite”, in the period that includes the opening date in 1947 until 1970, when its founder, the doctor Augusto César Leite, get away from the direction. Formulated from the hygienists precepts, this philanthropic and educational institution, that service to single adolescent mothers and children, use to promote medical social assistance and moralizing education with the objective of reducing the number of abortions, infanticides and prostitution in Sergipe. To better understand its dynamic, operation and contribution, theoretical methodological subsidies were sought in the New Cultural History and in the contributions of Michel Foucault, Norbert Elias and Pierre Bourdieu. In addition to, it was tried to elucidate the initiatives related to the issues of the devoid child, aiming to contribute to studies about the History of Childhood and Education in Sergipe.

**Keywords:** Childhood; Casa Maternal Amélia Leite; Hygienism; Education; Augusto César Leite.

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: solylim@hotmai.com

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Professor do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: bergerandremiguel@hotmai.com

## Introdução

A historiografia das instituições escolares não se constitui em uma área nova de estudos na história da educação; o que é recente nesse campo são os estudos sobre as instituições educativas (NORONHA, 2007).

Segundo o pesquisador Justino Magalhães, a renovação historiográfica a partir de uma focalização na instituição educativa corresponde a um desafio interdisciplinar lançado pela sociologia, pelo currículo e por uma corrente historiográfica que evoluiu dos *Annales* pela Nova História, em busca da construção dos sujeitos e dos sentidos das suas ações pela relação entre as estruturas, recuperando informações e fontes sobre cotidianos, práticas e representações.

*A história de uma instituição educativa constrói-se entre a materialidade, a representação e a apropriação. As instituições educativas e por consequência a sua história constituem a representação discursiva, memorística e antropológica das mais complexas dialéticas educacionais* (MAGALHÃES, 1998. p. 64).

Ciente de que a instituição educativa é construída a partir da história dos homens, num processo através do qual eles produzem socialmente as suas vidas e revelam projetos de ordem ideativa, empreendemos o estudo da Casa Maternal Amélia Leite, instituição educativa e filantrópica de atendimento às mães solteiras e crianças sergipanas. Para tanto, faz-se necessário esclarecer o contexto no qual ela estava inserida.

Em Sergipe, o cuidado com a criança em idade pré-escolar (0 a 6 anos) no período republicano pode ser observado a partir da década de 1930, com a ação da Diretoria Geral da Instrução Pública, sob a direção de Helvécio de Andrade (VALENÇA, 2006). Até essa época, o Estado contava apenas com a presença de instituições organizadas por religiosas, apoiadas pela administração pública, as quais prestavam assistência social, incluindo cuidados com a alimentação, saúde e higiene, a exemplo do Orfanato de São Cristóvão e o Oratório Dom Bosco. Estas instituições atendiam a meninas órfãs e carentes com idade a partir de quatro anos.

Somente em 1932 é inaugurada a primeira instituição educacional voltada para crianças de ambos os sexos e menores de sete anos, que contemplava suas necessidades assistenciais e educativas: a Casa da Criança de Sergipe (LEAL, 2004), sendo que a partir de 1940, surgiram outras como a fundação da Legião Brasileira de Assistência e o Jardim de Infância Garcez Vieira.

Em 1947, foi inaugurada a Sociedade Protetora da Casa Maternal Amélia Leite, em uma dependência do Hospital de Cirurgia, fundada pelo médico Augusto César Leite e um grupo de senhoras preocupados com os problemas médico-sociais relacionados à maternidade e à infância. No ano de 1958, essa instituição passa a funcionar em prédio próprio e mais amplo, onde presta serviços à comunidade até os dias atuais.

Os seguintes objetivos pautaram este estudo: investigar a criação e consolidação da Casa Maternal Amélia Leite através da análise de sua trajetória, sua organização e seu funcionamento; averiguar os motivos que levaram o médico Augusto César Leite a fundá-la e identificar sua contribuição para a sociedade sergipana, em especial, as mães solteiras e

crianças atendidas nessa instituição. Seu fundador acreditava que essa instituição poderia contribuir para diminuir o número de abortos, infanticídios e casos de prostituição (RAGO, 1985), através de uma educação moralizante e religiosa, visando encaminhar as “*desviadas para o bom caminho*”<sup>3</sup>, reinserindo-as na sociedade através do emprego, diminuindo, dessa forma, o preconceito existente contra a mãe solteira adolescente.

Para esclarecer essas questões e compreender esse objeto de estudo, subsídios teóricos foram encontrados no pensamento de Norbert Elias (1993; 1994), Pierre Bourdieu (2004) e Michel Foucault (1987).

Norbert Elias defende a ideia de que o indivíduo e a sociedade são inter-relacionados e estão sempre em processo de evolução e mudanças. Por isso, a *civilização* ocorre de maneira diferenciada, a depender da cultura e da sociedade, correspondendo tanto às condições de individualização do ser humano singular como às condições da vida social em comum. Foi a partir dos seus pressupostos que entendi com mais clareza as representações que o discurso médico-higienista constituiu acerca da educação como um mecanismo de civilização dos sujeitos.

Para Pierre Bourdieu, a noção de *campo* designaria um espaço com relativa autonomia, dotado de leis próprias, mas submetidas às leis sociais. “*Os campos são os lugares de forças que implicam tendências imanentes e probabilidades objetivas*” (BOURDIEU, 2004, p. 27). Nessa ótica observamos o campo médico-assistencial sergipano, em que Augusto Leite encontrava-se inserido e onde buscava o reconhecimento.

Os conceitos de *disciplina*, *vigilância hierárquica* e *panoptismo* desenvolvidos por Michel Foucault também favoreceram o conhecimento da organização e funcionamento dessa instituição. A *disciplina* é entendida como um método que permite o controle do corpo, como uma maneira de produzir corpos submissos. A *vigilância hierárquica* é vista como um dispositivo que obriga apenas pelo olhar, deixando nítidos através deste os efeitos do poder. Já o dispositivo *panóptico* por organizar unidades espaciais que permitem a visibilidade permanente assegurando o funcionamento automático do poder. Estes conceitos auxiliaram na melhor compreensão da dinâmica da Casa Maternal, instituição que visava reeducar as jovens para inseri-las na sociedade e no mundo do trabalho, de modo que não reincidissem em comportamentos que afetassem a vida social.

### O médico, educador e benfeitor: Augusto César Leite

Augusto César Leite foi um importante médico-cirurgião em Sergipe. Nasceu no município de Riachuelo em 30 de julho de 1886. Coursou a Escola de Medicina do Rio de Janeiro, formando-se no ano de 1909. O médico não limitou suas atividades somente à clínica. Entre os cargos que exerceu destacam-se os de diretor da Escola de Aprendizes e Artífices no período de 1910 a 1916 e de professor catedrático de História Natural do Ateneu Sergipense. Exerceu ainda cargos na política, como deputado estadual (1926), deputado federal (1933 – 1934) e senador da república (1934 – 1937).

<sup>3</sup> Trecho retirado do livro de atas da instituição. Cf. Ata de Fundação da Sociedade Protetora da Casa Maternal Amélia Leite (p. 02, 1947).

Proveniente de família abastada e de relevante prestígio social iniciou suas atividades como clínico no interior do Estado e em menos de um ano já estava na capital, trabalhando no único hospital que havia – o Santa Isabel<sup>4</sup> – a convite do desembargador Simeão Sobral. Em 1913, viaja para a Europa, permanecendo por seis meses em Paris, onde fez um curso particular de técnica operatória na Escola Prática da Faculdade de Medicina daquela capital francesa. Quando retornou a Sergipe, continuou atuando no Hospital Santa Isabel até 1926, quando inaugurou, juntamente com o então governador do Estado, Dr. Graccho Cardoso, o Hospital de Cirurgia.

Médico voltado para os problemas sociais, Augusto Leite compartilhou por muito tempo da ideia de que a assistência médica deveria dedicar-se à população pobre sergipana.

Em agosto de 1925 Augusto César Leite participou, em Genebra, do 1º Congresso Internacional da Criança, voltando embevecido de várias ideias referentes à questão da infância. Coloca que *“como toda gente, também me capacitei de que a criança constitui o magno problema das nações, ao qual estão presos e do qual dimanam originariamente, todos os demais problemas”* (LEITE, 1966, p. 43).

Foi a partir desse evento que Augusto Leite voltou sua atenção para a necessidade do cuidado com a infância e a maternidade sergipana, empreendendo várias iniciativas no âmbito da assistência materno-infantil. Inicialmente instalou uma maternidade no prédio situado na Avenida Ivo do Prado, oferecido ao Estado há anos por Francino Melo. Em 1928 acordou com o governo e com o doador a venda desse prédio e deu início à construção da maternidade anexa ao Hospital de Cirurgia. Em setembro de 1930, inaugurava a Maternidade Francino Melo, que recebeu este nome em homenagem ao doador do prédio e colaborador financeiro.

No discurso de inauguração de um novo pavilhão, em 1946, Augusto Leite já sinalizava a construção de uma obra de maior amplitude, próxima ao Hospital de Cirurgia, para prestar um melhor atendimento às necessidades da população, em especial as mães e crianças atendidas na maternidade. Em 26 de março de 1947 é fundada a Sociedade Protetora da Casa Maternal Amélia Leite, que funcionou anexa ao Hospital Cirurgia como abrigo maternal.

A criação dessa sociedade aconteceu durante uma reunião presidida por Augusto Leite em sua residência, para a qual convocou a mulher sergipana, representada por senhoras e senhoritas da sociedade da época, a fim de expor sua ideia de instalação de uma casa maternal em Aracaju. A proposta foi aceita por todas as senhoras presentes, que propuseram o nome de Amélia Leite, em homenagem à mãe de seus filhos.

Essa sociedade tinha como objetivo desenvolver atividades em favor da maternidade e da infância em Sergipe, funcionando como abrigo maternal durante onze anos. Segundo Aydê Matos de Oliveira (2008), a primeira assistente social da Casa Maternal, o abrigo *“era destinado a mães que ao receberem alta da maternidade [...] muitas vezes não tinham pra onde ir, em sua maioria, domésticas ou então vindas do interior e não tinham como*

---

<sup>4</sup> O Hospital Santa Isabel era o único da capital sergipana da época e se encontrava em péssimas condições. Até então Sergipe possuía uma rede de hospitais de caridade, dentro do antigo modelo asilar. Mesmo o Santa Isabel sendo o maior entre eles, ainda não possuía a confiança da população. Segundo Santana, “esses hospitais eram, na verdade, instituições muito mais voltadas para a assistência religiosa do que para assistência médica. O hospital era o espaço onde se ia morrer” (SANTANA, 2005, p. 223)

*se manter após o parto [...] foi assim que Dr. Augusto tinha construído esse abrigo para as mães*”. Além do amparo às mães mais necessitadas, o abrigo oferecia outros serviços, como o de internamento pré-natal, internamento pós-natal para tratamento de saúde e tratamento de sífilis, bem como orientação para o cuidado com a criança.

No abrigo, o tempo de permanência era curto e variava de acordo com a necessidade de cada mãe. Com o passar dos anos, houve um aumento na demanda, e em 1953 a construção de um prédio próprio fazia-se necessária. No ano de 1958, a sociedade foi transferida para prédio próprio, localizado na rua Frei Paulo, 682, no bairro Suíça, quando passa a ser chamada e reconhecida como Casa Maternal Amélia Leite.

### Organização e dinâmica da Casa Maternal Amélia Leite

No momento da inauguração do novo prédio, Augusto Leite já era conhecedor da situação da mãe pobre abandonada e do filho, pois havia presenciado inúmeras vezes a saída da Maternidade Francino Melo de uma jovem mãe com o filho nos braços sem recursos e sem lar. Este fato chamava sua atenção porque em tais condições a mãe conservava, por bem pouco tempo, o filho com vida, pois sem recursos e sem lar para viver e criá-lo, ela poderia adentrar no ambiente nocivo da prostituição ou submeter-se a mesquinhos empregos domésticos, sempre em prejuízo para o filho. Neste caso, mais prejudicada seria a criança, que era enjeitada e mal tratada, o que aumentava as taxas de mortalidade infantil e delinquência, indo de encontro aos preceitos médico-higienista.

Daí a necessidade de criar essa instituição, dando maior proteção à mãe abandonada. Diferentemente do abrigo que já existia anexo ao Hospital de Cirurgia, o qual desempenhava um trabalho em menores proporções, a Casa Maternal Amélia Leite compreendia um conjunto de ações médico-sociais e educativas, coordenadas e distribuídas pelos serviços de internato e externato.

Inaugurada em 1958, a Casa Maternal Amélia Leite era regida por um estatuto, que definia as regras para o perfeito funcionamento da instituição e apresentava como objetivo o desenvolvimento de atividades em favor da infância e da maternidade no Estado. Estaria sob os auspícios do Hospital de Cirurgia e do Instituto de Proteção e Assistência à Infância de Sergipe (IPAI-SE), seguindo a orientação do Departamento Nacional da Criança.

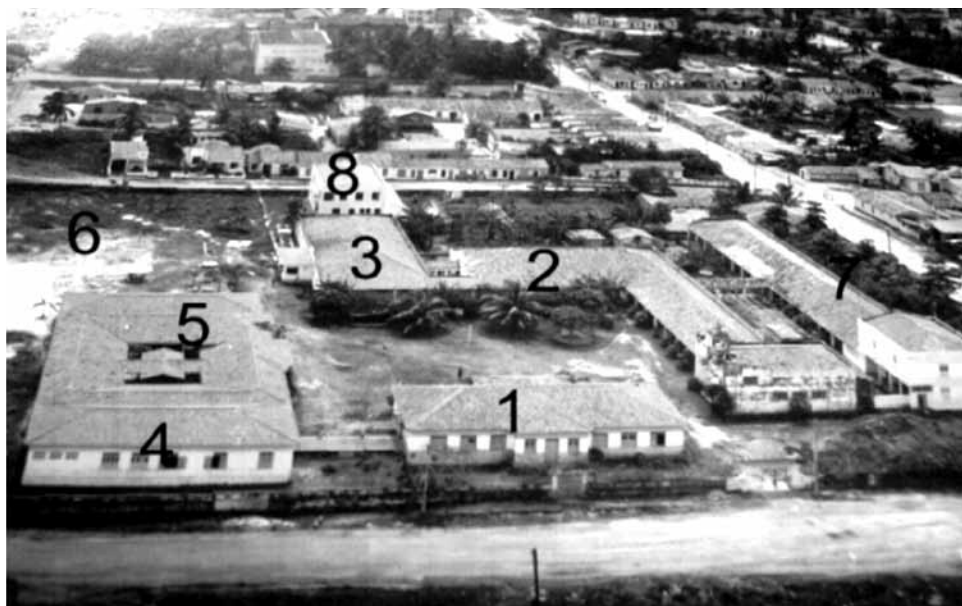
Para serem admitidas como internas na Casa Maternal, as candidatas deveriam estar grávidas do seu primeiro filho, serem menores de idade e não terem a quem recorrer nem como garantir hospedagem após o parto. Essas adolescentes eram encaminhadas a Casa por pessoas que conheciam a instituição, ou, quando domésticas, por suas patroas ou, ainda, pelos próprios genitores, revelando o preconceito existente contra a mãe solteira adolescente. Chegando lá, passavam por uma triagem, que era feita pela assistente social, ocasião em que era verificada a existência real da gravidez. Dava-se preferência às moças no início da gestação, porque acreditavam que desta forma teriam mais tempo para preparar a jovem, mostrar-lhe a importância do pré-natal e a necessidade de que ela não rejeitasse o filho; a futura mãe era orientada desde o início para a aceitação da criança, criando um vínculo de amor e carinho desde a gravidez.

Depois da triagem, a adolescente, se admitida, era encaminhada para fazer os exames médicos, e o seu caso era estudado pelo setor de assistência social da Casa, objetivando verificar a melhor forma de intervir e traçar as estratégias que melhor conviessem a cada caso.

Acolhidas na instituição, as moças teriam de enquadrar-se no regimento interno e obedecer a uma rotina diária, que abrangia o zelo com o filho, a frequência aos cursos oferecidos pela Casa, o cuidado com a horta e o jardim, o cumprimento das tarefas da instituição, nas quais se revezavam diariamente.

A figura 1 apresenta uma visão do aglomerado arquitetônico construído para abrigar a Casa Maternal, no qual se observa a forma de organização espacial da instituição, encontrando-se a sede da administração no centro da área construída e a um nível mais alto que o das demais dependências, característica que facilitava a vigilância não apenas sobre as mães, mas também sobre os alunos e funcionários da instituição.

Figura 01. Vista aérea da Casa Maternal. Fonte: Arquivo da Instituição. Sem data.



**Legenda:** 1. Administração; 2. Lar da Mãe Adolescente; 3. Serviços Gerais; 4. Escola Artesanal; 5. Escola Maternal Raio de Sol; 6. Parque Infantil; 7. Escola de Formação Doméstica e Profissional; 8. Abrigo Maternal.

Observando o complexo arquitetônico da Casa Maternal e as ideias defendidas por Foucault (1987), pode-se estabelecer algumas relações entre ambos, pois a Casa Maternal apresenta alguns desses elementos em sua estrutura física, aproximando-se do panóptico. E por se tratar de um internato fazia-se necessária a vigilância e controle das internas em relação aos padrões comportamentais esperados.

No caso dessa instituição, a assistente social entrevistada coloca que a entrada e a saída das moças atendidas eram controladas pelo Serviço Social da Casa. Não havia um dia pré-estabelecido para sair ou receber visitas, porém isso somente acontecia com a autorização prévia da responsável por esse setor. Se as mães internas não obedecessem às regras previstas no estatuto, visando à manutenção da ordem, não poderiam permanecer na instituição.

## Os serviços prestados

A Casa Maternal funcionava com a finalidade de amparar, educar e oferecer uma assistência integral à mãe adolescente e seu filho, e era composta por vários setores, como: o Lar da Mãe Adolescente, a Escola Maternal Raio de Sol, a Escola de Formação Doméstica e Profissional, o Clube de Mães, a Escola Artesanal e a Escola das Auxiliares de Puericultura.

O Lar da Mãe Adolescente era um dos principais setores da obra, tendo como objetivo preparar a jovem gestante para receber o filho. Tal preparação deveria ser lenta e profunda, uma vez que, geralmente, a jovem mãe chegava com uma educação deficiente e, na maioria dos casos, encontrava-se em estado psicológico afetado, quer pela angústia e desamparo por que passava, quer pela própria gestação. Muitas chegavam a sofrer o desamparo por parte da própria família, o que certamente duplicava a dor da rejeição, sentindo-se repudiadas por aqueles que lhes eram caros.

Esse setor, ao admitir a mãe acidental, objetivava despertar nela o amor pelo filho, de modo que o aceitasse não apenas por forças das circunstâncias. Seria preciso que ele encontrasse um ambiente de amor, ternura e carinho. Para favorecer este ambiente, a obra aboliu o sistema de berçários e dormitórios gerais, sendo que cada criança ficava em berço próprio, com a presença da mãe em quartos individuais, o que, além de favorecer esse clima de afetividade entre mãe e filho, proporcionava maior conforto e melhores condições de higiene às atendidas.

A Escola Maternal Raio de Sol era outro setor destinado primeiramente aos filhos das assistidas pela casa e aos filhos das senhoras do bairro, as quais faziam parte do Clube das Mães.

Essa escola começou a funcionar em 1959 e admitia crianças com idade a partir dos dois anos, promovendo atividades educacionais e recreativas, bem como assistência médica e dentária. A turma do maternal A recebia crianças de dois anos. Nesta fase elas começavam a aprender um pouco de linguagem, jogos de locomoção e preliminares hábitos de higiene. O maternal B era composto de crianças com três anos de idade, favorecendo o aprimoramento da linguagem, a aquisição de hábitos sociais e despertando os sentimentos de obediência através de jogos e outros tipos de recreação. No Jardim de Infância, admitiam-se crianças com quatro anos. Além dessas atividades, aulas de modelagem e desenho integravam o cotidiano escolar. O objetivo desse setor, além de favorecer o desenvolvimento da criança, era prepará-la para prosseguir os estudos.

A Escola de Formação Doméstica e Profissional também recebia jovens adolescentes, tanto da capital como do interior. Semelhantemente ao que era requerido no Lar da Mãe Adolescente, a candidata deveria atender a uma série de requisitos: situação econômica modesta; escolaridade mínima até o terceiro ano primário; idade mínima de 16 e máxima de 24 anos; tempo de permanência na obra de pelo menos doze meses e aptidão para compreender e cuidar de crianças.

Essa escola tinha um caráter preventivo, visando formar essas jovens para a vida, não só no sentido moral, como também nos sentidos doméstico e profissional. Eram ministradas aulas de puericultura, corte e costura, bordado, noções de enfermagem,

alfabetização, tecelagem, noções de cozinha, asseio e arrumação da casa, noções de jardinagem, de horticultura e arte culinária.

O Clube de Mães da Casa Maternal Amélia Leite foi um setor criado em 1959, em função da Escola Maternal Raio de Sol, com o objetivo de servir de elemento de ligação entre a escola, a criança e a família. Era orientado por assistentes sociais e integrado somente por mães que residiam no bairro e tinham filhos matriculados na Escola Raio de Sol.

Essa estratégia foi adotada pela direção da Casa para promover a integração das mães assistidas com as mães daquela localidade, sendo a mãe cujo filho estivesse matriculado na Escola Maternal obrigada a frequentar o Clube das Mães e a dedicar uma parte do seu tempo, ao menos uma vez por semana, aos trabalhos da Casa.

Acreditava-se que através dessa forma de trabalho diminuiria o preconceito existente na época quanto às mães solteiras, já que as mães da comunidade passariam a conhecer e a conviver com as assistidas, criando vínculos amistosos e afetivos entre elas, objetivando o auxílio da reinserção da jovem na sociedade.

A programação do Clube atendia não somente às necessidades da escola como também às aspirações das mães. Era mantido com recursos próprios e contava com a ajuda financeira da Legião Brasileira de Assistência, quando da realização de cursos.

A Escola Artesanal funcionou a partir de 1958 e atendia tanto às mães internas da Casa como às do Clube de Mães, com o objetivo de proporcionar a essas jovens orientação profissional. Lá elas faziam vários cursos de prendas manuais durante todo o ano, cuja produção era exposta e vendida num bazar que acontecia geralmente no final de cada ano, com a intenção de angariar fundos para a instituição.

A Escola de Auxiliares de Puericultura era outro setor que visava à formação de executantes através de cursos de higiene e zelo profissional. Era coordenada por um médico que também ministrava aulas às mães.

A dinâmica da Sociedade Protetora da Casa Maternal Amélia Leite obteve maior desenvolvimento e amplitude quando passou a funcionar em seu próprio prédio. É nesse mesmo período que o idealizador dessa instituição toma o controle, permanecendo na direção até 1970, concorrendo para um aumento do número de serviços prestados, de doações recebidas, bem como de pessoas atendidas.

### **Reminiscências do passado**

Este estudo também envolveu jovens grávidas e desamparadas que procuraram a Sociedade Protetora da Casa Maternal Amélia Leite e por ela foram acolhidas, nos anos de 1956, 1961 e 1965. Com essas mulheres mantive contato e delas tive a permissão para remexer em suas memórias, conhecendo um pouco mais das suas histórias de vida, dos seus passados, e através dos seus depoimentos compreendi com mais clareza a dimensão dessa instituição.

As entrevistas-depoimentos<sup>5</sup> da assistente social da instituição e das mães atendidas revelaram ser a Casa Maternal um local digno e favorável a um futuro promissor, distantes

---

<sup>5</sup> Essas entrevistas foram realizadas pela autora entre junho e agosto de 2008.



do meio do qual saíram e livres da possibilidade de se tornarem prostitutas, praticarem o aborto ou infanticídio. Apesar do preconceito que enfrentariam pelo fato de serem mães solteiras (RAGO, 1885), a partir da intervenção dessa instituição, elas passaram a ter uma “segunda chance” para voltar ao “bom caminho”.

Nas primeiras décadas do século XX, a ideia de Eugenia, de aperfeiçoamento da raça e a postura moralista que se desenvolveu no Brasil impulsionaram médicos-sanitaristas e filantropos a se preocuparem com o controle da saúde da população, além da vigilância à prostituição, adquirindo crescente participação no aparato governamental, classificando a prostituição como um vício que poderia corromper todo o corpo social.

Como médico e filantropo Augusto Leite, preocupado com os problemas sociais decorrentes dessa situação comum na época e recorrente na Maternidade Francino Melo, cria então a instituição para ajudar a essas jovens mulheres grávidas.

Obedecendo a essas exigências, as três depoentes que entrevistei foram admitidas pela instituição, primeiramente, no Abrigo e depois encaminhadas para a Casa. Grávidas do primeiro filho, menores de idade e sem o apoio da família, elas preenchiam os requisitos necessários para serem acolhidas pela instituição.

A senhora F foi dar à luz na Maternidade Francino Melo acompanhada de sua patroa, que não a aceitava com a criança. Depois do parto, preocupada com a sua situação, foi encaminhada por uma enfermeira à assistente social. Explicou sua situação e foi admitida no Abrigo Maternal, onde permaneceu por quatro meses, saindo para trabalhar na mesma profissão, mas com outra família, que não só a aceitou com sua filha como também ajudou a criá-la.

A outra depoente foi admitida em 1961, permanecendo no Abrigo por um mês até dar à luz seu filho. Da maternidade foi para a Casa Maternal, onde recebeu atendimento e depois se tornou professora da Escola Maternal Raio de Sol.

A senhora A procurou a Casa por iniciativa própria, em 1965, e foi admitida primeiramente no Abrigo, onde permaneceu até o nascimento do seu filho, e depois encaminhada para a Casa Maternal, permanecendo nesta instituição por dois anos.

As depoentes exaltam em suas falas a contribuição da instituição e da atuação do setor de assistência social para a vida profissional e pessoal, destacando a oportunidade de estudar, aprender um ofício ou aperfeiçoar os talentos e habilidades que tinham e ao saírem, vislumbrarem um futuro melhor, apesar do preconceito.

A depoente F, após sair do Abrigo, foi trabalhar como doméstica na residência de Aydê Matos, a assistente social, que, juntamente com sua irmã e seus pais, ajudaram-na a criar sua filha. Foi trabalhando para essa família que conheceu um rapaz com quem se casou e constituiu família.

A outra entrevistada teve seus estudos financiados por Augusto Leite, concluindo o curso ginásial no Grupo Escolar Manoel Luis e o secundário, no Colégio Tobias Barreto, da rede particular. Tornou-se professora e foi contratada pela própria Casa Maternal para lecionar na Escola Maternal Raio de Sol. Permaneceu na Casa por seis anos até conhecer um rapaz que se tornaria seu marido e conseguiu comprar uma residência própria para

onde se mudou com seu filho e esposo. Com esse homem teve mais duas filhas, e desde 1994 está aposentada. Destacou que “*a Casa Maternal foi muito importante, principalmente para o meu filho, para o bem-estar dele*”.<sup>6</sup>

Através das histórias dessas mulheres pode-se constatar a grande contribuição que a Sociedade Protetora da Casa Maternal Amélia Leite prestou a toda a sociedade sergipana, mas em especial a elas próprias, jovens mães abandonadas, e seus filhos.

### Considerações finais

Esta pesquisa possibilitou compreender o processo de criação e consolidação da Casa Maternal Amélia Leite, fundada pelo médico Augusto César Leite, visando prestar assistência e educação às mães solteiras e crianças sergipanas. Estas ações pautavam-se no ideal de higienização difundido no Brasil desde o século XIX e intensificado a partir de algumas políticas assistencialistas disseminadas dentro do contexto republicano e, ainda, através da difusão da proposta educacional da Escola Nova, que visava à construção de uma sociedade moderna e civilizada.

No período abrangido por este estudo a Casa Maternal mudou o rumo de 119 mulheres, oportunizando-lhes o vislumbrar de um futuro melhor e de maiores possibilidades de trabalho e inserção social.

### Referências

- ALMEIDA, Marcos. *Dr. Augusto Leite: “Um jeito sublime de ser”*. Aracaju: Nossa Gráfica, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo. UNESP, 2004.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. V. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O processo civilizador: formação do Estado e Civilização*. V. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes. *A infância e sua educação: materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes, 1987.
- LEAL, Rita de Cássia Dias. *O primeiro jardim de infância de Sergipe: Contribuição ao estudo da educação infantil (1932-1942)*. São Cristóvão, SE, 2004. Dissertação de Mestrado.
- LEITE, Augusto César. *Palavras de Cirurgião*. Aracaju. Livraria Regina, 1966.

---

<sup>6</sup> Trecho retirado de entrevista realizada com Elze Almeida.

LIVRO DE ATAS DA SOCIEDADE PROTETORA DA CASA MATERNAL AMÉLIA LEITE. 1947.

MAGALHÃES, Justino. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. In SOUZA, Cynthia Pereira de. e CATANI, Denice Bárbara (orgs.). *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras, 1998.

NORONHA, Olinda Maria. “Historiografia das instituições escolares: contribuição ao debate metodológico. In: NASCIMENTO, Isabel Moura; SANDANO, Wilson; LOMBARDI, José Claudinei e SAVIANI, Dermeval (orgs.). *Instituições escolares no Brasil*. Campinas, SP. Autores Associados, 2007.

OLIVEIRA, Aydê Matos de. Entrevista concedida em abril de 2008.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (1890 – 1930)*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1985.

SANTANA, Antonio Samarone de. *As febres do Aracaju: dos miasmas aos micróbios*. Aracaju, SE, O Autor, 2005.

SANTOS LIMA, Ana Paula dos. O Jardim de Infância José Garcez Vieira: Registros de Memórias e a Imprensa. In: V ENCONTRO DE HISTÓRIA ORAL DO NORDESTE. Caderno de Resumos. São Luis, Maranhão: UEMA, 2005, p.102.

VALENÇA, Cristina de Almeida. *Civilizar, regenerar e higienizar: a difusão dos ideais da pedagogia moderna por Helvécio de Andrade*. São Cristovão, SE, 2006. Dissertação de Mestrado.

VEIGA, Cynthia; GOUVEA, Maria C. S. Comemorar a infância nas primeiras décadas republicanas. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 26, n.º.1, jan/jun., 2000, p.135-160.

*Recebido em Outubro de 2010  
Aprovado em Fevereiro de 2011*